

ANNO 4

SABRADO 17 DE JUNHO DE 1871.

N 181

VIDA FLUMINENSE

Folha Ilustrada

ESPECTORIO
RUA DO OUVIDOR

32-sobrade -52

CORTE

Trimestre	55002	Semestre	160000
Semestre	105000	Ano	215000
Ano	203000	Avaluo	15000

PROVINCIAS



O campo da Aclamação

Gracas aos Srs. D'Arroujo, Silva, Glaxiou e Tielho, D'Giras e a Camara Municipal teremos brevemente a cidadela do Rio de Janeiro transformada em jardim de Armides

A VIDA FLUMINENSE

Sumário

O Diário do Rio — Sua cor impolitica — Interesses oppostos — O kerosene — Um! Dois! Três! Passe! — O abutre e o throno — A cauda do cão — O estilo e o homem — Liberdade do ventre do Diário — Um sonho que cheirava ao poeta da Marília de Dirceu — A ordem n'um chinello — Busta de reticências — Lér de nariz tapado — Revista théâtral — Em que se prova que actor não é masculino de actriz — Copophonia à parte — Pode bem ser! — Benefício do Rossi — Foguera monstruosa — O Sr. D. Pedro de Lacerda — São Pedro e um christião — Um agiotá e S. Pedro — Moralidade — Taborda é tabordices.

Rio, 17 de Junho.

O Diário do Rio de Janeiro é uma folha que merece, por diversos modos, as boas gracas do Governo Imperial.

Bastará dizer que imprime todos os annos uma porção de relatórios, para que ninguém ponha em dúvida a sua cor política.

Pode-se mesmo dizer, o elle o apregoa de hoco cheio, que é o unico órgão do partido conservador.

Unico!

Entre tanto....

Vamos aos factos.

De algum tempo a esta parte o *Diário do Rio de Janeiro*; desde o dia talvez em que começaram a alumiar so com kerosene deixou-se de publicar artigos de fundo no lugar em que as outras folhas os costumam publicar, isto é: nas primeiras colunas.

Deixou-se de fazê-lo porque teve necessidade de guerriar o governo; e um artigo de fundo n'esso sentido comprometeria muito de perto os relatórios, esse manu que todos os annos, em quadra certa, lhe cai do céo ministerial nos desertos bolos.

Conciliar os dous interesses não era commitmento facil.

O interesse de fazer oposição ao ministerio atacava de frente o interesse de colher o delicioso manu.

Portem *Gusman ne connaît pas d'obstacle*. Não ha dificuldades que não sejam superadas pelo homem iluminado... a kerosene.

Os artigos de fundo desertarão para o lugar das publicações anonymous.

Um nome desapareceu do frontispicio do jornal; outro nome surgiu n'ele..... Um! Dois! Três! Passe! I... e a sorte estava feita.

Haverá nada mais simples?

A principio os anonymous da redacção aggrediram com certo comedimento os actos do poder e as pessoas dos ministros.

O pequeno abutre ensaiava a força de suas asas ainda debes.

Depois a linguagem encrespou-se, e as sensaborias começaram a despotar no dubin horizonte.

O abutre crescia, crescia, a olhos vistos.

Mais tarde já não era bastante guerrear as sete pastas ministerias. Era preciso mais, muito mais!

Era preciso que os remoques chegasssem até os degraus do throno.

Tinha o abutre atingido seu maior desenvolvimento!

Deseesperado por ver que mais ninguém se dava agora ao incommodo de ler suas diatribes, resolveu o redactor do *Diário do Rio de Janeiro* cortar a cauda de seu cão, lançar mão da qualquer meio extraordinario que chomassesse de novo sobre si a atenção publica.

Que fez então?

Disse aos seus botões:

— O estilo é o homem. Escrivemos, portanto, em estylo que se parega com nosco.

No dia seguinte foi estampado em pleno *Diário do Rio* um extenso artigo sobre liberdade do ventre, que cheirava de longe a kerosene.

Esse artigo intitulava-se *Um sonho*; porém era mais do que um sonho, era uma imagem fiel, um retrato vivo, um verdadeiro *alter ego* do abalizado escritor que o elaborou, o cujo vistoso nome figura no alto da primeira pagina do conceituado Diário.

A beleza da linguagem, a pureza do phraseado, e a suavidade do aroma, oh! principalmente a suavidade do aroma! denunciavam a uma legua de distancia o abalizado jornalista.

Vêr a obra, era vêr o autor, era admirá-lo, era sentir-o!

Continue o *Diário do Rio*!

Continue! Ponha n'um chinello a *Ordem de Pernambuco*.

Away!

Para que mais reticências?

Não se pode deixar de confessar que poucas vezes tem sido inserto nas folhas da Corte artigos tão interessantes como o *Sonho*; mas é preciso lê-l-o... de nariz tapado.

Os teatros estão como nunca.

Que animação! Que vida!

No de D. Pedro II vai estrear-se a companhia lírica.

No Provisorio (eterno) continua Rossi, a colher caradas de louros.

O Aleazar recebeu um reforço de oito barrigas de pernas.

A Phenix Dramatica prepara-se para apresentar em scena o panorama do Porto e a comédia *A Vindima*, onde se vê uma celebre palmeira, que lá estara etc., etc. (leia-se o anuncio).

O Gymnasio dá a entender que contractou, ou cousa que o valha, o celebrado Taborda.

O S. Pedro anda às voltas com os inimitáveis Rei e Rainha do Ar, soberanos do Paiz das Cambalhotas.

Um Sr. Goodison declarou há dias pela imprensa que espera mais dia, menos dia, uma grande companhia gímnastica e acrobática anglo-prussio-americano.

O S. Luiz canta a *Canninha Verde*.

Esqueça-me de mencionar o Sr. Henrique Nunes, que promete apresentar no Gymnasio uns — quadros de Portugal, produzidos do cliché, photographicos, transparentes... (não entendo o que é; mas devo ser coisa muito bonita).

Quanto divertimento!

E não inclui na relação os tocadores ambulantes de rabeca, os canários domesticados e os maeacos que tocão bandurra pelas ruas!

A propósito de teatros, ando há muito tempo com vontade de saber porque razão o Sr. Furtado Coelho costuma, em seus anúncios, apelidar-se *artista* e dar à Sra. Emilia Adelaida o nome de *actriz*.

Não será elle *actor*?

Não será ella *artista*?

Por mais tristes que dê ao espírito, não percebo o motivo da distinção estabelecida pelo emprezário.

Ambos pisão o palco, ambos tem talento, ambos são aplaudidos: são, portanto, iguais e como tais merecedores da mesma classificação.

E se alguma diferença existe entre os dous, é ella, sem a menor contestação, toda em favor da Sra. Emilia Adelaida, que tem *escola*.

Sendo ella simplesmente actriz, porque não será também elle simplesmente *actor*?

Copophonia aparte, não entendo a distinção, que, além de injusta, me parece pouco cortez para com uma senhora.

Uáh... pode bem ser que eu esteja enganado.

Pode bem ser!

Rossi o Grande faz benefício no dia 27 do corrente com a tragédia *Macbeth*, de Shakespeare.

Os bilhetes são procurados como canella em noticia. Já não ha mais camarotes, e raras são as cadeiras que ainda estão sem dono.

Os admiradores do inimitável artista preparam para essa noite uma festa como nunca se viu, e creio que nunca mais se verá nos nossos teatros.

Consta que, em homenagem ao mestre dos mestres, resolverão os emprezarios dramáticos da Corte não dar espetáculo n'essa noite.

Todas as manifestações são poucas quando se trata de vitoriar um talento como o de Rossi.

A recordação da noite do 27 de Junho de 1871 ha de ficar indelevelmente gravada nos corações dos verdadeiros *dilettanti* da capital do Império.

A maior fogueira que houve na noite de Santo António foi a do Arsenal de Guerra.

Não me consta, porém, que ninguém a pulasse, nem mesmo o Sr. tenente-coronel Carvalho.

Um amigo, que me merece o maior conceito, asse-

gurou-me hontom haver Sua Excellencia Reverendissima o Sr. Bispo do Rio de Janeiro ordenado ao clero sob sua jurisdição, que nos actos de confissão não devesse absolvir as ovelhas que não acreditasse, como em dogma, na infallibilidade do Papa.

Sua Excellencia Reverendissima, portanto, vai mais longe do que o proprio concilio ecuménico, que limitou-se em recomendar que se prestasse fé na infallibilidade papal.

Pas tant de zèle, monseigneur!

Para o Sr. Dom Pedro da Lacerda, as virtudes e vícios dos que dobrão os joelhos diante do confissionario nada valem. Nada!

O que é mister para obter-se absolvição é errado e n'um absurdo!

Segundo Sua Excellencia Reverendissima, a missão do chaveiro do céo acha-se reduzida a termos bem simples.

Com os seguintes diálogos, que figuro travados no porto do Paraíso, poder-se-ha fazer uma ideia bem exacta da causa, tal qual a quer Sua Excellencia Reverendissima.

Una alma desprende-se da materia, que a ligava a este valle de lagrimas, de eleições e de impostos, e vós alegro para a mansão dos justos.

— Quem vem lá? pergunta-lhe S. Pedro.

— Um cristião.

— Acredito na infallibilidade do Santo Papa?

— Não, porque nunca pude convencer-me que um simples mortal, por mais virtuoso e sabio que fosse, pudesse ser superior ao erro. Deus só é infallível!

— Não podes entrar no Paraíso!

— Mas fui um homem honesto.

— Não podes entrar!

— Amei meu proximo como a mim mesmo.

— Não podes entrar!

— Entreguei muitas lagrimas, alliviéi muitas dores, ensinei os ignorantes, amparéi os desprotegidos, reparti minha fortuna com a pobreza...

— Não podes entrar!

E a infeliz alma, que durante cincuenta ou mais annos que andou pela terra, caprichou sempre em praticar *todas as virtus* eis recomendadas pela religião, se encaminha tristemente para o Purgatório, por não ter prestado fe à n'uma mentira!

Momentos depois abri vao outra alma em demanda da porta guardada por S. Pedro.

— Quem vem lá? pergunta-lhe o eterno chaveiro.

— Um pecador.

— Que títulos te recommendão?

— Nenhum, a não ser esta carta de apresentação do Vigário da minha freguesia, de quem fui sempre inimigo.

— Falha.

— Nesta carta conta meu amigo Vigário qual foi minha vida na terra. Por ella se vê que andei sempre pensionado de trabalhos mercantis...

— Ah! Foi negociante? Que generos vendia?

— Eu vendia... dinheiro. Tinha uma casa de penhores e emprestava aos pobres, cobrando *apenas* cinco ou seis por cento ao mês. Comodizâa: andei sem-



*As plataformas nos theatros ou o assalto dos cambistas
A autoridade tão zelosa pela comodidade das famílias que entram nos bonds deveria ter o mesmo zelo pelas que frequentam os espectáculos*



Acresce do desastre da estrada de ferro de S. Paulo, houve brigas sérias entre a autoridade e o Governo da 1^a estrada. O trânsito ficou interrompido, sofrendo o público graves incomodos. O Sr. Scully conseguiu restabelecer as coisas e a estrada continuou a funcionar. Há muito sombriamente entre os factos e as questões dos bonds; não acharemos nas suas ambaixadas que consiga do Governo o trânsito nas suas faixas.

*Em Santos, um certo juiz que tem 30 anos de capacidade, instigado por outro que é o mais de facto do que de direito, entendeu que devia fazer toda casta de...
Conselha-nos, porém, que lido se aconsigue, e que o governo destina um lugar em certo hospício ao tal juiz que precisa de um e não fim.*



Atractivos que fazem actualmente nosso dinheiro correr, pulhar, dançar, voar etc etc das algibeiras. Está para todos os gostos: Escutam



Corre o boato, que os empregados públicos e os do Commercio preparam-se de ler bom gosto, vão pedir a seus chefes e patrões um aumento de ordenados: para poderem frequentar os theatres, assim que os artistas estrangeiros que se acham actualmente na Corte levem comigo (alem dos atos), a cortesia de que o publico do Rio de Janeiro sabe dar verdadeiro encorajamento ás Bellas Artes.

pre tão pensionado de trabalhos mercantis e eleitorais, que nunca tive tempo para dar esmolas....

— Então não pode entrar!

— Nem para ir à missa, nem para confessar-me, nem para rezar....

— Não pode entrar!

— Espere; ouça-mos primeiro e depois resolva. Nunca tive tempo para estancar um pranto, nem para mitigar um sofrimento, nem para dar abrigo e alimento aos infelizes.

— Não preciso ouvir mais. Decididamente não pôde...

— Mas acredite plenamente na infallibilidade do Santíssimo Papa Pio IX.

— Porque não o disse logo? Entra! Entra, meu filho! O Paraíso é teu!

MORALIDADE.

Saja-se agiota, perverso, vicioso... mas creia-se que, Pio IX é infalível.

Tabora chegou!

Chegou Tabora!

Eis o que se ouvia dizer por toda parte em voz grossa e em voz fina, em francês, em inglês, em alemão, em italiano, em espanhol, ou até em português, nas casas, nos teatros, nas ruas, nas praças, nos bêcos, nas esquinas, nos corredores, nos caminhos de ferro, nos bonds, nos tilibrys, nas barcas, nas diligências, nos ônibus, de dia e de noite!

Tabora é uma epidemia, um terremoto, um cataclismo em toda a Capital do Império!

Não se fala em outra coisa!

Mas o que pouca gente ainda sabe é que o grande artista cômico pouco se demoraria aqui, porque veio com uma licença de *tres meses apenas*, e nesse pequeno prazo tencionava dar também algumas recitais no Pôrã.

Descontando as semanas gostas em viagem, vê-se que o tão esperado Tabora ficará, quando muito, uns quarenta dias no Rio de Janeiro.

Quando me lembro que outros vem ficar entre nós meses e anos!

O mundo é assim mesmo!

Os instantes de tédio durão anos; os anos de prazer durão instantes! Os poetas costumam a dizer isto em verso; porem eu... acho mais comodo dize-lo em prosa.

A. de C.

Assunto de varias cores

Rossi—Hamlet—Descrições muito aquém da realidade—Bigotescamente o que se passou no theatro Lírico a 12 do corrente—A chegada de Mestre Arnaud—A novitatem—Estrelas—O Vale e as pipeneiras.—

Tabora!—O que me parece estar vendendo—Tratado as avessas—Publicações recentes—“Guilherme Tez” — O Gául Mozart—Sarão em honra de Rossi.—

O público fluminense deu, a 12, a prova mais evidente da subida apreço em que tem as qualidades artísticas do Ernesto Rossi.

Apenas se soube que o espectáculo daquela noite se compunha da tragédia predilecta do actor italiano, os camaretes foram vendidos num volver d'olhos, e os lugares da platea procurados com a avidez porcadora da nova curiosidade, bem rara entre nós de ha tempos a esta parte.

E' que todos sabiam da recepção brilhante feita ontem pela imprensa europeia ao immortal “Hamlet” de Shakspeare, interpretado por Ernesto Rossi!

E' que todos desejavam ver se a exageração não fora o prisma através do qual os críticos do nosso tempo haviam contemplado um trabalho artístico admirável para alguns, sublime para outros, *único para todos*.

Seja dito com a fé que deve inspirar-nos o soberbo espectáculo da noite de 12: — tudo quanto a imprensa europeia disse a cerca da interpretação do “Hamlet” pelo actor italiano, e quem o nome de Shakspeare deve a sua actual popularidade, está molto aquém do que, na realidade, é.

Ha cousas que a palavra mal exprime; e embora talentos vigorosos tentem por vezes procurar descrever-nos o talento excepcional de Ernesto Rossi — ao velo no “Hamlet” as descrições tornam-se palidas, e mostram-nos a impotência da palavra perante os prodígios assombrosos do gênio.

E' preciso ver o gesto sempre correcto e magistral, ouvir a palavra sempre medida pela força do sentido, assistir ás escenas de loucura no 3º acto, ao monólogo do Ser e não ser, e prestar religiosa atenção ao diólogo com Horácio, no cemiterio, para se avaliar devidamente a maravilhosa perfeição a que Rossi atingiu na arte dramática!

Até ali é possível chegar-se, porque elle chegou: — ir além é impossível.

Não me dixeram mais em repórter, talvez, o que já foi dit-o por muitos; voltando ao assunto principal d'este artigo, narrarei, embora toscamente, o que se passou no theatro Lírico na noite da primeira representação do Hamlet.

A 7 horas e meia as cadeiras de 1ª classe estavam ocupadas desde a primeira até à ultima; nos camarotes de 1ª, e 2ª ordem, sem exceção de um só, vinse grande numero de senhoras elegantemente vestidas, e de cavaleiros que as acompanhavam.

Apenas o artista-rei entrava na scena, uma salva de palmas, ruidosa como tudo o que nasce do entusiasmo, ecoava no vasto recinto. Ao terminar de qualquer phrase, dita pelo tragedio italiano com a superioridade de inteligencia que todos lhe reconhecem, os braços irrompiam dos quatro angulos da sala; e apenas o panho descia, por tal sorte eram frenéticos os aplausos que, Ernesto Rossi, para mostrar quanto lhe era grata essa constante ovacão do publico fluminense, vinha repetidas vezes no proscenio agradecer tão subidas provas de apreço e distinção.

No fim do 3º acto a companhia do theatro S. Luiz,

associando-se ao entusiasmo geral, apresentou-se lúcidamente encorpada perante o grande artista, e ofereceu-lhe uma riquíssima coleção das obras do Shakespear, e varias grinaldas e bouquets de flores de pannas, recitando o Sr. Fortado Goellin um pequeno discurso, onde transluzia a admiração que lhe inspira o grande tragico italiano, e a Sra. D. Cecília uma poesia, destinada a pôr, ainda uma vez, em relevo as eminentes qualidades artísticas do homem, a quem o teatro antigo deu a sua ressurreição, e o moderno a phase mais brilhante da sua glória.

Deixando Rossi e o seu *Hamlet* resta-me comunicar o litorâneo o óptimo resultado obtido por mestre Arnaut na sua viagem à Europa.

Não menos de seis artistas foram por elle contrac-tados para o nosso-theatro frances; e a dar crédito a alguns jornais parisienses que tanto iombo à vista, de entre a pleia, que em breve vai ser julgada pelo nosso público, destacam-se notavelmente duas estrelas do mais puro brilho.... artístico: M^{me} Irma-Marié e M^{me} Arnal.

A primeira conta um repertório variadíssimo, a par de uma voz educada nos preceitos da boa escola francesa.

A *opera-buffa* e a *operetta* são a sua especialidade—especialidade a que deve a grande reputação de que vêm precedida.

A segunda, na opinião de varios jornalistas de Burdeux, é um talento sem especialidade positiva, uma destas criaturas que nascem para o teatro, e que na *opera seria* ou *buffa*, no canto *dramatico* ou no *ligeiro*, tem grandeza bos copos de aplausos a par do não menor somma de... frances.

Alem destas, fez o Sr. Arnaut aquisição de M^{me} Vialla—a única lacaiá que soube substituir, sem que os frequentadores das *variétés*, em Pariz, desssem pela substituição, a famigerada *Alphonse* do out' ora — e de M^{me} Adrienne, planeta não reconhecido ainda pelo nosso observatorio astronomico, mas do qual se espera beneficia influencia sobre os destinos da cena alcazenha.

Reforçando também o pessoal sem pretenções a ser analysado pelo telescópio da meteorologia, trouxe-nos o Sr. Arnaut um *tenor*, cuja voz tem as qualidades exigidas pelo repertório mais em *rogo*, e um *baritono*, (o Sr. Martineau) *vieille connaisance* dos nossos *habitués*, além de um *comico*, reputado excellente pelas folhas francesas.

E com tudo isto a direcção do theatro frances não fizer rios de dinheiro é bem o caso de dizer-se, copiando textualmente o dito do M^{me} Aimée no primeiro atelo das "Turcos", — "Des bananes".

Quem está vendendo rios de dinheiro diante de si é o Valla, do Gymnasio.

Bomaventurado emprezario!

Para ele as *pepiuciras* não se acadam. Esgotada

uma, vem logo outra : após o *Panorama de Lisboa*, vio o do Porto—e em seguida a elles, entra-lhe pela porta dentro a fortuna personificada no *Taborda* !

O que o grande actor portuguez vai fazer no Rio de Janeiro não é facil prognosticar-se. Entretanto já me parece estar vendo os jouteiros completamente desfiliados, os jardins sem uma flor que lhes justifique o nome, os poetas cansados de invocar a musa e roucos de recitar versos, os jornalistas entregues ao mais profundo desespero por não neharem na nossa língua numero suficiente de *superlativos*; as vidas das floristas vazias de flores, e despovoadas de grinaldas,... e aligeireiros vazias.

E então plena fô que tudo isto ha de realizar-se porque sei o que vale Taborda, — verdadeira *celebridade* no seu seu gênero — e conheço de quanto é capaz o entusiasmo da nossa população, todas as vezes que um artista, digno de tal nome, lhe cahe em graça.

Na Phenix dão-se os ultimos toques ao *Trunfo* as acessos poemas de França Juhior, e musica de Messina.

Perante esses dous nomes que nos annas do theatro brasileiro só contam triunfos, não é duvidoso o successo da composição.

Em resposta ao folheto—*Desgosto e depreciamento das fibras*—publicado o Sr. J. G. um livrinho sob o título do *Ligeiras considerações sobre as verdadeiras causas do desgosto e depreciamento das fibras*.

O livrinho interessa especialmente à classe militar.

—Da farmacia Antunes, vantajosamente conhecida n'esta corte, sahio tambem um interessante folheto, onde se trata de estudar as causas das varias molestias, applicando-lhes os remedios mais efficazes á sua completa extirpação.

Fago aqui ponto final porque von assistir ao ensaio da opera *Guilherme Tell*, anunciada para terça-feira proxima, no theatro D. Pedro II.

E já que falei n'isto, lembrô-se o leitor quo é a inauguração de uma sala nova, a estréia de uma companhia quasi nova, a exhibição de telas e vestuarios novinhos em solha, e a occasião de ouvir o melhor *soprano* de Rossini! — quatro circunstancias capazes de aguçar a curiosidade mais romba d'este mundo.

Antes do ponto final : O Club Mozart prepara um esplendido sarau em honra de Rossi.

Fervem os empenhos para convites.

A. de A.

Incidio do Arsenal de Guerra.

